

FLUVIALIDADES E DEAMBULAÇÕES IMAGÉTICAS SOBRE RIOS VOADORES

FLUVIALITIES AND IMAGERY WALKINGS ON FLYING RIVERS

Anderson dos Santos Paiva¹
Universidade Federal de Roraima
Associado ANPAP: sim

RESUMO

Este trabalho é um percurso investigativo de deambulação sobre os rios voadores amazônicos, como retomada do projeto anterior desenvolvido entre os anos de 2014 e 2020. Nele, relaciono o conceito de paisagens celestes (Paiva, 2020) à cosmogonia Yanomami (Kopenawa; Albert, 2015) para tratar do desafio do Antropoceno, pensando na emergência da crise climática. Mas também nas agências da natureza, na co-produção de imagens a partir do dispositivo fotográfico SkyFIE, acionado por meio da variação de umidade e temperatura. Essa é uma pesquisa-experimento work in process, desenvolvida no âmbito do Media Lab/UFRR, e utiliza programação criativa, microprocessadores e sensores para produzir imagens frágeis e poéticas, na tentativa sutil de captar a fluvialidade dos rios voadores.

Palavras-Chave: Imagem. Natureza. Paisagem. Cosmogonia. Fluvialidade.

ABSTRACT

This work is an investigative journey through the Amazonian flying rivers, as a resumption of the previous project developed between 2014 and 2020. In it, I relate the concept of celestial landscapes (Author, 2020) to the Yanomami cosmogony (Kopenawa; Albert, 2015) to address the challenge of the Anthropocene, thinking about the emergence of the climate crisis, but also about the agencies of nature, in the co-production of images from the SkyFIE photographic device, activated by means of variations in humidity and temperature. This is a research-experiment work in process, developed within the scope of the Media Lab/UFRR and that uses creative programming, microprocessors and sensors to produce fragile and poetic images, in a subtle attempt to capture the fluviality of the flying rivers.

KEYWORDS: Image. Nature. Landscape. Cosmogony. Fluviality.

1. Introdução (Extremos)

Nesta edição do 34° Encontro Nacional da Anpap eu decidi retomar um trabalho que vem pulsando e vaporizando desde 2020, quando então finalizei meu doutoramento em Arte Contemporânea. O desafio de corporificar esse trabalho vem de uma série



de outros desafios e atravessamentos que vão ocorrendo na tentativa de pensar uma paisagem que se forma a partir das fluvidades do firmamento. Então, tomado pelo tema “Extremos”, que irradia tantas questões para um artista-pesquisador que vive ativamente no extremo norte do Brasil, me dispus a reunir pensamentos e imagens de um *work in process* que se faz necessidade, tão vital quanto o ar que enche os pulmões, tão real quanto a floresta-pulmão que persiste nesse vasto território do Brasil.

Assim, esta pesquisa *in situ* se faz enquanto processo de e-vapor-ação, um processo de busca de uma imagem com/para a natureza, procurando entender suas agências entre rios e florestas, nuvens e lavrados, em uma cosmovisão que visa sustentar esse céu que está para cair sobre nossas cabeças e, ao mesmo tempo, revelar, num gesto vertical (vertizional), uma retomada da paisagem celestial e sublime que absorve e deságua em tantos afetos, memórias e narrativas.

Para tanto, pensar sobre os rios voadores da Amazônia é se permitir navegar em outros ritmos. Por entre corredeiras e pororocas, constelações inconstantes e barrancos de nuvens que deslizam junto às imagens científicas, na lógica numérica dos dados climáticos, mas que também se pode fazer a partir da precariedade, da frágil imagem incapaz de captar a subjetividade da paisagem.

2. Mediação (Fluvidades)

O estudo e a denominação dos rios voadores são relativamente recentes. Tal termo foi popularizado no país na década de 1990 pelo pesquisador José Marengo, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Ele se trata de uma analogia simplificada para os "jatos de baixos níveis da América do Sul" (JBNAS). O aviador e ambientalista Gérard Moss teve uma percepção visual do fenômeno na Amazônia Ocidental do Acre, observando a floresta devolver umidade para a atmosfera após uma chuva. Mas o entendimento do ciclo hidrológico da Amazônia já era perseguido desde os anos 1970, sendo o professor Enéas Salati um dos pioneiros a realizar



estudos sobre a recirculação do vapor d'água na bacia amazônica e sua influência no clima do continente.

O "Projeto Rios Voadores", sob a coordenação científica de Enéas Salati, coletou centenas de amostras de vapor de água para caracterizar sua origem e monitorar a trajetória, aprofundando a compreensão científica sobre a importância da Floresta Amazônica para o abastecimento hídrico brasileiro. Seus estudos também contribuíram para o entendimento do mecanismo da "bomba biótica de umidade", onde a intensa evaporação e condensação na floresta criam zonas de baixa pressão que atraem ar úmido do oceano para o continente.

Os estudos atuais deste fenômeno possibilitaram uma análise detalhada da dependência de São Paulo e de outras cidades do país em relação ao vapor d'água transportado da Amazônia. Apesar dos avanços, ainda há incertezas quanto à quantificação exata da água transportada e à proporção precisa de precipitação em outras bacias. Mas o principal ponto de conflito parece ser a desconexão entre a escalada perigosa das alterações climáticas e a nossa capacidade humana, antropocêntrica, de mobilizar a energia e pensamento necessários para lidar com a crise que vivemos.

Talvez a dificuldade esteja na própria terminologia do Antropoceno. Donna Haraway (2016) e Anna Tsing (2019) são importantes autoras que criticam o termo, sugerindo alternativas como "Capitaloceno" ou "Plantationoceno", que focam mais no sistema econômico capitalista e na lógica da colonização que historicamente impulsionaram a exploração e destruição de recursos e vidas. É sempre o capital a diluir a vida num processo líquido que busca, num primeiro momento, a dominação da natureza para depois, pela artificialidade e destruição, transformá-la em campo, pasto ou depósito.

Esse tipo de interrupção dos processos naturais remete à "intrusão de Gaia", como definido por Isabelle Stengers (2015), quando os fenômenos atmosféricos e hidrológicos deixam de seguir padrões anteriores, produzindo riscos para os humanos em escalas inéditas, em uma transgressão dos limites seguros. A crise



ambiental do Antropoceno, evidenciada pela ameaça aos rios voadores, remete à ilusão ocidental de separação da cultura e da natureza. Stengers, Haraway e Tsing são exemplos de autores que defendem que a política e a própria existência humana não podem se sustentar dessa forma, por meio da distinção entre organismo e meio. A questão dos rios voadores, com sua fluvialidade, nos força a reconhecer que os humanos são parte integrante da natureza e que sua destruição, na verdade, corresponde à nossa autodestruição.

3. Intermediação (Deambulações)

A arte tem o papel fundamental de dar abrigo e visibilidade ao debate sobre os desafios humanos, como os do Antropoceno, oferecendo configurações sensíveis aos dilemas que escapam à nossa objetividade, atuando como um agente ético-político capaz de produzir criações contemporâneas diversas. Ela pode transpor dados científicos e complexos e torná-los imagéticos e sensíveis. Pode conectar o tempo fugaz do digital com a memória e saberes ancestrais, possibilitando novas formas de existir no mundo. Essa abordagem pode ser aplicada à visualização dos fluxos dos rios voadores e seus impactos.

Nesse turbilhão causado pela atual crise climática, a arte se faz ativismo, mas também refúgio simbólico, imaginário, que pode fomentar o sonho, o desejo e a cosmopoética como formas de vida, tecnologia e existência.

O papel das árvores no bombeamento de água para os rios voadores oferece uma reflexão sobre a inteligência e o protagonismo dos seres não-humanos. Como artistas, podemos nos lançar em busca de "alianças afetivas" (Krenak, 2016), com ontologias e diversas formas de vida, em relações menos destrutivas com o ecossistema.

A arte amazônica tem o potencial de ir além da representação exótica, colocando sujeitos indígenas como protagonistas na encenação de realidades ecológicas. A obra de Jaider Esbell, de resistência e poesia que reflete a cosmopercepção e o



perigo do ecocídio, se alinha ao dilema presente em *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), servindo de inspiração para práticas artísticas decoloniais e e-vapor-ações voltadas para a natureza.

A arte neste território-pulmão pode desafiar clichês e explorar as particularidades da paisagem amazônica. A *Estética do Lavrado* (Paiva, 2016), por exemplo, entende a paisagem de Roraima não como mero *locus*, mas como um personagem que fundamenta a produção artística, incorporando mitopoéticas locais. Artistas como Rodrigo Braga, em suas vivências na Amazônia, buscaram intervir e ressignificar o lugar artisticamente, manipulando elementos e construindo esconderijos, refletindo sobre a imensidão e o impacto humano na paisagem. Cristovão Coutinho, com sua obra *Pedra-mutação*, explorou a transformação da pedra por meio da ação humana, utilizando fotografias manipuladas para abordar a presença e o descarte de plásticos em elementos naturais.

Portanto, a arte na/da Amazônia pode se debruçar sobre os rios voadores em uma experiência estética capaz de transcender a mera visualização de dados climáticos, promovendo uma reconfiguração da nossa percepção e pensamento sobre o mundo, a partir de perspectivas diversas, incluindo as ancestrais e as tecnocientíficas, fomentando a co-criação de futuros possíveis para além da crise climática e planetária.

Na cosmologia Yanomami, o céu não é uma entidade estável e infinita, mas algo que os xamãs seguram com a ajuda dos xapiri, os espíritos da floresta. As ações destrutivas dos *napë* (não-indígenas), como a chegada de epidemias e o desmatamento, podem provocar a "queda do céu", com a desorganização do mundo e o fim de diversas formas de existência. Nessa perspectiva indígena, há uma relação profunda entre a floresta, seus elementos vivos e as condições para habitar a Terra, onde o desequilíbrio ambiental se trata de questão de vida ou morte, uma morte que não é somente física, mas também espiritual e cultural.



Nessa deambulação imagética pelos rios voadores da Amazônia, busco repensar a paisagem celeste pela fotografia, pela capacidade que ela tem de configurar o sensível, podendo expor o que há de mais perigoso no mundo ao nosso redor. Para tanto, retomo o dispositivo SkyFIE, desenvolvido por mim no contexto do projeto *Celestial Landscapes*, realizado no período de 2014 a 2020, por meio de fabulações imagéticas sobre três dimensões do céu (Aquém-Céu, Céu Pleno e Além-Céu).

O SkyFIE é um dispositivo-processo voltado para produção de selfies do céu através da produção de imagens em webcam acoplada a Arduino, capturadas a partir da variação de temperatura e umidade do ar. O dispositivo possui uma bateria recarregável, estrutura impermeável e fixadores para ser colocada em ambientes naturais, de modo a produzir volume de imagens que tanto são guardadas em cartão SD, quanto podem ser transferidas a partir de conexão wi-fi.



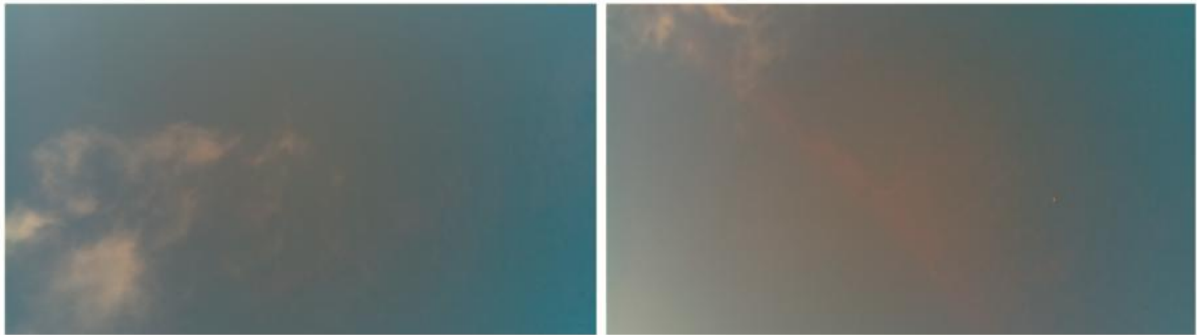
Imagem 1. Dispositivo SkyFIE, Roraima, 2020. Acervo do autor.

Com esse dispositivo pretendo incluir as agências não-humanas da natureza em meu processo, como parte de uma co-criação a partir das incorporação de informações de umidade e temperatura nos elementos constitutivos da imagem. Assim, entrelaçando a "queda do céu" Yanomami, a vulnerabilidade dos rios voadores e a urgência do Antropoceno, desenvolvo uma prática na qual a fotografia artística se volta para narrativas que não apenas documentam a destruição, mas também ativam novas formas de perceber, sentir e agir no mundo, pois a crise



climática e planetária exige novas formas de percepção e ação para confrontar os negacionismos e construir sentidos para a vida.

Ao propor e-vapor-ações imagéticas que se permitam ver na fotografia, não tenho a intenção de tratar somente do risco antropocêntrico da destruição das florestas, mas busco promover essa co-criação de saberes, em respeito às cosmologias indígenas, como uma força potencial de ação entre arte, ciência e natureza.



Imagens 2 e 3. Imagens do dispositivo *SkyFIE*, Roraima, 2019-2020. Acervo do autor.

O dispositivo fotográfico *SkyFIE*, sensível às mudanças atmosféricas, funciona como um sensor artístico, traduzindo dados climáticos em uma linguagem visual imediata do "céu que cai" ou do "rio que voa". Ao invés dele ser totalmente controlado por cliques, ele capta dados de temperatura e umidade do ar e os traduz em percepções imagéticas por onde correm rios voadores. Isso permite à fotografia ir além do mero registro, já que não entende o céu não como uma tela estática, mas como um reflexo dinâmico das condições atmosféricas alteradas pela ação humana.

No momento em que vivemos o risco da sexta extinção em massa, a arte deve ser espaço e refúgio para imaginar e fabular outros mundos possíveis, criando uma nova estratégia de convivência com maior consciência planetária, fora da lógica colonial. As e-vapor-ações imagéticas são um convite à confluência do conhecimento científico ao ancestral, como cosmopoéticas práticas de atenção que dão visibilidade à vida invisível do céu e à sua conexão com a floresta, por meio de rios voadores.



Considerações

Por meio desse trabalho que se faz em processo, busco entender as dinâmicas atmosféricas e hidrológicas, a partir do fenômeno dos rios voadores, alinhando a ele o debate contemporâneo sobre o Antropoceno e considerando a perspectiva indígena e amazônica sobre as urgências da natureza. Nessa viagem pela paisagem celeste, busco a fluvialidade do firmamento e a co-criação pela e-vapor-ação, entendendo-a como uma prática de ação em que o vapor é fluxo e refluxo da natureza, onde a sua agência propõe outras noções de imagem, paisagem, território em um percurso deambulatório de aprendizados.

Penso que para além das imagens co-produzidas sobre variações mínimas de umidade e temperatura, poderiam haver desdobramentos como a renderização de padrões visuais dos rios voadores apresentados em projeções de luz, formações de fumaça controlada ou variações cromáticas em superfícies fotossensíveis. O desafio está posto, ele é um processo em aberto.

Referências

- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade*, Campinas, ano 3, n. 5, 2016.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. Alianças vivas (Entrevista realizada por Pedro Cesarino). In: COHN, Sergio; KADIWÉU, Idjahure (Orgs.). Ailton Krenak: Coleção Tembetá. Rio de Janeiro: Azougue, 2016.
- PAIVA, Anderson S. Estética do lavrado e suas imagens in progress. In: STOCO et al (Orgs.). *Fotografia Contemporânea Amazônica*. Manaus: Saber, 2016.
- STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 442-464. 2015.
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2019.

1. Professor Associado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Roraima. Coordenador do laboratório e grupo de pesquisa Media Lab/UFRR. CV: <https://lattes.cnpq.br/0290776318562288>